

Michel Pêcheux como leitor de Saussure

(Michel Pêcheux as Saussure's reader)

Pauliana Duarte Oliveira¹

¹Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

paulianaduarte@netsite.com.br

Abstract: Linguistics is one of the tripods of the Discourse Analysis and because of Ferdinand de Saussure Pêcheux brought linguistic theory to his Discourse Theory. Considering these facts, we aim, in this work, to analyse the Saussure's influences on Pêcheux's work; to identify some Saussure's concepts that were problematized by Pêcheux in the Discourse Theory and also to examine the expansion of Saussure's concepts according to Pêcheux's theory. We refer to the issues raised by Saussure in the *Course in General Linguistics* which were discussed by Pêcheux in the development of his theory during the first and second moments of its trajectory.

Keywords: language; discourse; theory; Pêcheux; Saussure.

Resumo: A Linguística é um dos tripés da Análise do Discurso e foi por meio de Ferdinand de Saussure que Michel Pêcheux trouxe a teoria linguística para a sua teoria do discurso. Considerando esses fatos, objetivamos, neste trabalho, analisar as influências de Saussure na obra de Michel Pêcheux; identificar alguns conceitos saussurianos problematizados por Pêcheux na teoria do discurso e também analisar a expansão dos conceitos saussurianos à luz da teorização pecheutiana. Tomamos como referência questões abordadas por Saussure no *Curso de Linguística Geral*, que foram problematizadas por Pêcheux na elaboração da teoria da Análise do Discurso durante a primeira e a segunda época da trajetória pecheutiana.

Palavras-chave: língua; discurso; teoria; Pêcheux; Saussure.

Introdução

A Análise do Discurso surgiu na França da década de 1960, sob forte domínio do estruturalismo tanto da Linguística quanto das ciências humanas em geral (GADET et al., 1997). Surgiu como uma teoria que coloca em uma relação mais complexa a língua e a sociedade apreendida pela História.

Conforme Gregolin (2004), o projeto de Pêcheux se concretizou na busca de construir a Análise do Discurso envolvendo, neste projeto, a língua, os sujeitos e a História. Para tanto, o diálogo de Pêcheux com a Linguística se deu por meio de Saussure, com a História por meio de Marx e com a Psicanálise por meio de Freud.

Considerando que a Linguística é um dos tripés da Análise do Discurso e foi por intermédio de Saussure que Pêcheux trouxe a teoria linguística para a sua teoria do discurso, objetivamos, neste trabalho, abordar as influências saussurianas na obra de Pêcheux, trazendo questões tratadas no *Curso de Linguística Geral*, que foram problematizadas por Pêcheux na elaboração da teoria do discurso durante a primeira e a segunda época da trajetória pecheutiana. Limitamos nosso trabalho a essas duas épocas porque é nesse período que se pode observar maior influência de Saussure na teoria do discurso. Durante esse período, Pêcheux estabeleceu um diálogo com Ferdinand de Saussure por meio da obra referida, problematizando conceitos saussurianos e tentando expandi-los ao acrescentar as noções de discurso e sentido.

Para cumprir a tarefa proposta, tomamos como base os seguintes textos de Pêcheux: *A Análise Automática do Discurso, Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* e *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso*, este último escrito juntamente com Paul Henry e Claudine Haroche. De Saussure, temos como base o *Curso de Linguística Geral*.

Pêcheux e Saussure: dois empreendimentos que partem da língua

Década de 60: Saussure como referência

Na década de 60, o estruturalismo estava no auge. Considerado como uma das grandes correntes de pensamento do século XX o estruturalismo, de acordo com Chauí, “[...] permitiu que as ciências humanas criassem métodos específicos para o estudo de seus objetos, livrando-as das explicações mecânicas de causa e efeito, sem que por isso tivessem que abandonar a ideia de lei científica” (2002, p. 274). Atribui-se a Saussure a criação do método de investigação estruturalista. Tal método tem na noção de estrutura seu conceito teórico de base. Desse modo, Saussure tornou-se uma referência forte para os intelectuais da época. Gregolin (2004) afirma que, na década de 60, a Linguística era evocada em vários campos das Ciências Humanas porque oferecia a elas o seu método e o seu programa.

Segundo Normand:

Para os linguistas, Saussure era certamente bem conhecido, mas antes como um estudioso da gramática comparativa, precocemente falecido, que deixou uma obra inacabada. O *Curso de Linguística Geral*, tal como, após sua morte, seus editores o haviam reconstruído a partir de cadernos de notas de estudantes, suscitou interesse e críticas sem que ninguém visse nele um barril de pólvora suscetível de ser ameaça à tradição universitária. Eis que, com a explosão dos anos 1960, ele se encontrava sob a mesma bandeira de Marx e Freud, frequentemente acompanhados de Nietzsche, Lautréamont e Mallarmé, contra o velho mundo e seus valores rançosos. (2009, p. 16)

O interesse por Saussure colocou-o lado a lado com nomes que significavam uma ruptura contra aquilo que, no dizer de Normand (2009), era “o velho mundo e seus valores rançosos”. Para os jovens linguistas da época, entre os quais Normand (2009) se insere, o *Curso de Linguística Geral* representava uma espécie de modernidade, o advento de uma linguística científica.

No entanto, inicialmente a leitura de Saussure era pouco explorada e Michel Pêcheux adiantou-se a essa “adesão” à obra saussuriana. Prova disso é o texto de Gadet, Léon, Malidier e Plon (1997):

Indubitavelmente, desde a época da AAD-69, MP é um leitor de Saussure muito atento, o que permanecerá na sequência de sua obra (por exemplo: LANGAGES 24 e *La langue introuvable*). Isso é digno de nota em uma época, no geral, caracterizada por um interesse bastante vago por Saussure, mais referência do que matéria de trabalho. (p. 40)

Segundo os autores citados anteriormente, na década de 60 era comum ler Saussure por meio de teóricos que se enquadravam nas seguintes categorias: estruturalistas (Martinet,

Mounin); sociolinguistas; “filólogos” do texto saussuriano; e literários, destaca-se nessa categoria o trabalho de Starobinski sobre os Anagramas.

Pressupomos, então, que o modelo de método criado por Saussure foi um dos motivos para Pêcheux recorrer a ele. Saussure separou a língua do empirismo e da concepção psicologizante que Pêcheux também refutava. Logo, pode-se dizer que Saussure, de certo modo, serviu para Pêcheux como inspiração e exemplo de como se trabalhar com um método próprio.

O empreendimento saussuriano: o que é língua?

Linguística Geral era o nome do curso que Saussure ministrava em Genebra em substituição a Joseph Wertheimer, que se aposentara. Normand (2009) conta que Saussure não inventou a expressão “linguística geral”. No entanto, Saussure provocou mudanças profundas na ciência linguística. Havia uma espécie de “insatisfação saussuriana” por uma “ordenação”:

Inúmeras vezes ouvimos Ferdinand de Saussure deplorar a insuficiência dos princípios e dos métodos que caracterizavam a Linguística, em cujo ambiente seu gênio se desenvolveu, e ao longo de toda sua vida pesquisou ele, obstinadamente as leis diretrizes que lhe poderiam orientar o pensamento através desse caos. (BALLY; SECHEHAYE, 1915 apud SAUSSURE, 2001, p. 1)

Normand (2009) classifica como radical a mudança ocorrida na linguística. Tal mudança foi inaugurada por Saussure a partir de uma pergunta que parece, a princípio, simples e evidente, mas que moveu todo um campo teórico: “o que é a língua?” (SAUSSURE, 2001, p. 25). O próprio Saussure respondeu essa pergunta, afirmando que a língua é um sistema:

Como a língua é um sistema e possui um funcionamento, e isso se dá nas trocas, é nas interlocuções entre os usuários que se dá o funcionamento do mecanismo linguístico. A língua é uma instituição social devido às suas características. “Ela é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade.” (2001, p. 22)

Saussure definiu a língua como sistema que possui um funcionamento, uma ordem própria. Essa definição é extremamente relevante para a Análise do Discurso, pois Pêcheux fez reflexões sobre essa noção e encontrou brechas para uma teoria do discurso.

As três épocas de Michel Pêcheux

A obra de Pêcheux é dividida em três períodos denominados pelos estudiosos da teoria do discurso como “três épocas”. Ao contrário de Saussure, Pêcheux escrevia bastante e durante sua trajetória acadêmica analisou, refletiu, retificou e reelaborou sua própria teoria. Assim, cada época pode ser considerada um ciclo que se encerra para dar início a outro. Trazemos resumidamente as “três épocas” de Michel Pêcheux de acordo com a organização de Gregolin (2004):

- (01) Antes de elaborar a teoria do discurso, Pêcheux escreveu com o pseudônimo de Thomas Herbert. Tais textos tratam de estudos sobre epistemologia das ciências sociais. Podem ser considerados como “pré-análise do discurso”;

- (02) A primeira época ocorre em 1969 e é marcada pela publicação da *Análise Automática do Discurso*. Nesse texto, Pêcheux lança sua proposta de teoria e metodologia de análise. Essa é a fase que possui maior influência saussuriana porque é quando Pêcheux analisa com mais profundidade questões relacionadas à língua;
- (03) Na década de 1970 se dá a segunda época pecheutiana. Segundo Gregolin (2004), houve um movimento em direção à heterogeneidade, ao Outro, à problematização metodológica. Pêcheux analisa as relações entre língua, discurso, ideologia e sujeito, e elabora a teoria dos esquecimentos. Em 1975 é publicada a obra *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, um marco importantíssimo para os estudos discursivos. Saussure ainda é referência, especialmente o corte saussuriano (*langue/parole*) sobre o qual Pêcheux, Henry e Haroche escrevem um texto publicado na revista *Langages* nº 24, em 1971, intitulado *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso*. Pêcheux retoma a questão da ruptura saussuriana e da semântica em *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*;
- (04) A terceira época acontece no período de 1980 a 1983, ano de sua morte. Segundo Gregolin (2004), Pêcheux afasta-se das posições dogmáticas sustentadas anteriormente, vai em direção à nova História e se aproxima de Foucault. Uma das obras mais importantes desse período é *O discurso: estrutura ou acontecimento*. O Pêcheux dessa fase é mais psicanalítico e está mais distante de Saussure. Ainda assim, retoma questões saussurianas em *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*, escrito em conjunto com Françoise Gadet.

Observando a trajetória teórica de Michel Pêcheux, percebe-se forte influência de Saussure. Isso se dá devido ao fato de, além de ser um leitor de Saussure bastante interessado, desse contato Pêcheux absorveu a noção de língua sobre a qual fará releituras.

O empreendimento pecheutiano: o que quer dizer esse texto?

Pêcheux possuía, sobretudo, um devir político. Era motivado talvez por sua militância política, ou pela filiação ao marxismo ou, ainda, por sua formação como filósofo. O fato é que, como intelectual, naquele momento em particular, ele se viu como os demais intelectuais da época, especialmente os da França, influenciados pelo estruturalismo.

A concepção que Michel Pêcheux possuía sobre a língua era baseada em alguns representantes da conjuntura linguística da França dos anos 1960: Saussure e o estruturalismo, Chomsky e a gramática gerativa, Benveniste e a enunciação, além de Harris, Jakobson e Culioli, por exemplo.

Pêcheux marcou a origem da ciência linguística com o *Curso de Linguística Geral*. Antes dessa obra, estudar uma língua significava estudar textos. Havia uma prática escolar chamada compreensão de texto e a atividade do gramático resumia-se à norma e à descrição.

Saussure introduziu um deslocamento conceitual que, para Pêcheux:

[...] consiste precisamente em separar essa homogeneidade cúmplice entre a prática e a teoria da linguagem: a partir do momento em que a língua deve ser pensada como um *sistema*, deixa de ser compreendida como tendo a *função* de exprimir sentido; ela torna-se um objeto do qual uma ciência pode descrever o *funcionamento* (retomando a metáfora do jogo de xadrez utilizada por Saussure para pensar o objeto da linguística, diremos que não se deve procurar o que cada parte *significa*, mas *quais são as regras que tornam possível* qualquer parte, quer se realize ou não). A consequência desse deslocamento é, como se sabe, a seguinte: o “texto”, de modo algum, pode ser o objeto pertinente para a ciência linguística pois ele não funciona; o que funciona é a língua, isto é, um conjunto de sistemas que autorizam combinações e substituições reguladas por elementos definidos,

cujos mecanismos colocados em causa são de dimensão inferior ao texto: a língua, como objeto de ciência, se opõe à fala, como resíduo não-científico da análise. “Com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual; 2º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental” (Saussure, 1915, 13ª ed., 1987, 22) (PÊCHEUX, 1997, p. 62, grifos do autor)

Pêcheux perseguiu sempre a noção de funcionamento, isto é, da mesma forma que a língua funciona em um sistema de regras, ele percebeu que também havia uma espécie de funcionamento não no texto, mas em uma instância maior que o texto, na questão do sentido, da significação, das ideias presentes em um texto, na semelhança e diferença entre os enunciados de um texto. Então questionou: “O que quer dizer este texto?”, “Que significação contém esse texto?”, “Em que o sentido deste texto difere daquele de tal outro texto?” (PÊCHEUX, 1997, p. 63).

A partir daí, Pêcheux (1997) fez uma análise dos diferentes tipos de métodos de análise de textos existentes até então:

- (05) métodos não linguísticos: respondem à questão sob uma forma “pré-saussuriana”; portanto, estão defasados em relação à linguística atual. São eles: *o método de dedução frequencial* (consiste em recensear o número de ocorrências de um mesmo signo linguístico no interior de uma sequência e em definir uma frequência que pode ser comparada com outras; *a análise por categorias temáticas* (se dá por objeto uma espécie de demografia dos textos, visa não o funcionamento de um sistema de elementos mas a pura existência de tal ou tal material linguístico);
- (06) métodos para-linguísticos.

Ao terminar essa análise, Pêcheux (1997) apresentou as seguintes questões (grifos do autor):

- (07) Se se considera como adquirido o fato de que toda ciência que trata do signo só pode se constituir pelo abandono do terreno da *função* de expressão e de sentido para se situar no do *funcionamento*, que tipo de *funcionamento* se pode designar para o objeto que aqui se encontra em questão?
- (08) Em que o conceito de instituição importa para a construção do conceito desse objeto?
- (09) Se entendemos por *texto* qualquer objeto linguístico organizado submetido à análise, poder-se-ia conservar esse conceito para designar o objeto de uma prática analítica que levasse em conta as respostas às duas questões precedentes?

Pêcheux (1997) também enumerou algumas orientações conceituais para uma teoria do discurso. São elas:

- (10) Consequências teóricas induzidas por certos conceitos saussurianos;
- (11) As condições de produção do discurso;
- (12) Por uma análise do processo de produção do discurso.

Tratamos, aqui, da orientação que está mais de acordo com a natureza deste artigo: *Consequências teóricas induzidas por certos conceitos saussurianos*, que serão abordadas nos próximos itens.

Saussure na Análise do Discurso: o que há de Saussure na Análise do Discurso

Como vimos no item *As três épocas de Michel Pêcheux*, é especialmente na primeira e na segunda fase da teoria do discurso pecheutiana que ocorre a maior influência de Saussure na obra de Pêcheux. Logo, trazemos aqui conceitos saussurianos problematizados por Pêcheux durante a primeira e a segunda época de sua teoria do discurso.

A Análise Automática do Discurso

Na primeira época da teoria da Análise do Discurso, Pêcheux elaborou o arcabouço teórico e a metodologia de análise de discursos. A linguística é um elemento constitutivo da Análise do Discurso porque, para chegar aos conceitos sobre discurso problematizados em sua teoria, Pêcheux partiu da análise de questões concernentes à língua que permitiram a problematização de elementos do mecanismo discursivo.

A primeira questão linguística analisada por Pêcheux foi o conceito saussuriano de língua: “A língua... é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que por si só não pode nem criá-la nem modificá-la” (SAUSSURE apud PÊCHEUX, 1997, p. 70) e também:

[...] a língua é uma instituição social: mas se distingue, por vários traços, das outras instituições políticas, jurídicas etc. Para compreender sua natureza especial, uma nova ordem de fatos precisa intervir. A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, e por isto comparável à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc. Ela é somente o mais importante desses sistemas. Pode-se pois conceber uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social; ela formaria uma parte da psicologia social e conseqüentemente da psicologia geral; nós a nomearemos semiologia. (SAUSSURE, 2001, p. 24)

As conseqüências decorrentes da definição saussuriana de língua, na visão de Pêcheux, são: a exclusão da fala e a exclusão das instituições não semiológicas. Segundo Pêcheux, ao excluir a fala, Saussure autorizou o surgimento do sujeito. Se a língua é um sistema de regras determinadas e encontra-se em oposição à fala, o sujeito, que se localiza no polo da fala, desfruta de liberdade porque não está submetido às regras próprias do sistema da língua; estas encontram-se no polo oposto, a língua:

[...] mesmo que explicitamente ele não o tenha desejado, é um fato que esta oposição autoriza a reaparição triunfal do sujeito falante como *subjetividade em ato*, unidade ativa de intenções que se realizam pelos meios colocados a sua disposição; em outros termos, tudo se passa como se a linguística científica (tendo por objeto a língua) liberasse um resíduo, que é o conceito filosófico de sujeito livre, pensado como o avesso indispensável, o correlato necessário do sistema. A fala, enquanto uso da língua, aparece como um *caminho da liberdade humana*; avançar no caminho estranho que conduz dos fonemas ao discurso é passar *gradatim* da necessidade do sistema à contingência da liberdade [...]. (PÊCHEUX, 1997, p. 71-72, grifos do autor)

Pêcheux prosseguiu problematizando a definição saussuriana de língua até chegar ao conceito de condições de produção do discurso:

“É preciso atribuir à língua, e não à fala, todos os tipos de sintagmas construídos por formas regulares... acontece exatamente o mesmo com as frases ou grupos de palavras estabelecidas sobre padrões regulares; combinações como a terra gira, o que ele está

dizendo? etc., respondem a tipos gerais que têm por sua vez seus suporte na língua sob a forma de lembranças concretas” (Saussure, op. cit., p. 173). Seja, pois, a frase “a terra gira”: um linguista pré-copernicano, que, por milagre, conheça as gramáticas gerativas e os trabalhos atuais dos semanticistas, teria certamente colocado uma incompatibilidade entre as partes constitutivas da frase e declarado o enunciado anômalo. Isso significa que nem sempre se pode dizer da frase que ela é normal ou anômala apenas por sua referência a uma norma universal inscrita na língua, mas sim que esta frase deve ser referida ao mecanismo discursivo específico que a tornou possível e necessária em um contexto científico dado [...]. (PÊCHEUX 1997, p. 73, grifos do autor)

Ao fazer essa análise, Pêcheux considerou o papel das circunstâncias e do contexto em que um discurso é produzido na determinação do sentido dos enunciados e demonstrou a necessidade de conhecimento desse contexto para a compreensão dos enunciados. O que Pêcheux percebeu no conceito saussuriano é que há um mecanismo discursivo sempre operando:

Propomos designar por meio do termo processo de produção o conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dada em “circunstâncias” dadas. Resulta do que precede que o estudo dos processos discursivos supõe duas ordens de pesquisas: - o estudo das variações específicas (semânticas, retóricas e pragmáticas) ligadas aos processos de produção particulares considerados sobre o “fundo invariante” da língua. [...] - o estudo da ligação entre as “circunstâncias” de um discurso – chamaremos daqui em diante suas condições de produção – e seu processo de produção [...]. (PÊCHEUX 1997, p. 74-75, grifos do autor)

No texto da Análise Automática do Discurso, Pêcheux discorreu também sobre as implicações do conceito saussuriano de instituição. De acordo com Saussure, a língua é uma instituição social com uma diferença específica: ela é uma instituição semiológica. As demais instituições podem ser classificadas como funcionais, pois possuem uma finalidade específica determinada por sua própria natureza, porém a língua, não. Para Saussure: “A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, [...] um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos” (SAUSSURE, 2001, p. 24). Pêcheux observou que Saussure ignorou noções da Sociologia que tratam da distinção entre “a função aparente de uma instituição e seu funcionamento implícito; as normas dos comportamentos sociais não são mais transparentes a seus autores do que as normas da língua o são para o locutor” (PÊCHEUX 1997, p. 76, grifos do autor).

Pêcheux encontrou aí consequências que produziram efeitos na teoria discursiva e reforçaram a noção de condições de produção do discurso:

Seja, por exemplo, o discurso de um deputado na Câmara. Do estrito ponto de vista saussuriano, o discurso é, enquanto tal, da ordem da fala, na qual se manifesta a “liberdade do locutor”, ainda que, bem entendido, seja proveniente da língua enquanto sequência sintaticamente correta. Mas o mesmo discurso é tomado pelo sociólogo como uma parte de um mecanismo em funcionamento, isto é, como pertencente a um sistema de normas nem puramente individuais nem globalmente universais, mas que derivam da estrutura de uma ideologia política, correspondendo, pois, a um certo lugar no interior de uma formação social dada. Em outras palavras, um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse,

ou então está “isolado” etc. [...] a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa [...]. (1997, p. 76-77, grifos do autor)

Percebe-se que Pêcheux reafirmou a ideia de que há um conjunto de elementos “exterior” à língua e que determina o discurso.

A semântica e o corte saussuriano

A teoria do discurso de Michel Pêcheux possui, desde sua origem, um viés político e social. Em *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, Pêcheux reafirmou esse traço político e social quando lançou mão de elementos oriundos das ciências humanas que fundamentam sua teoria e fornecem suporte teórico necessário para que a teoria do discurso se constitua como um campo do conhecimento que leva à problematização, à reflexão, à construção de relações do que está posto em um dado enunciado e considera, ainda, a exterioridade do discurso.

Haroche, Henry e Pêcheux (2008) discutiram o lugar que a semântica ocupa no contexto do corte saussuriano *langue/parole* e encontraram aí brechas para uma semântica discursiva. Pêcheux continuou desenvolvendo essa noção de semântica discursiva e mais tarde, em 1975, publicou *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* e, nessa obra, retomou Saussure em vários pontos.

Para Haroche, Henry e Pêcheux (2008), a ruptura saussuriana permitiu a constituição da fonologia, da morfologia e da sintaxe, mas deixou acontecer um retorno do empirismo no campo da semântica e chamaram a atenção para o fato de que a palavra *semântica* não figura no *Curso de Linguística Geral*. A partir daí, os autores tentaram desenvolver esse ponto abandonado por Saussure, a semântica, e trataram de questões relacionadas à língua como analogia e valor, e, ainda, discutiram esses conceitos saussurianos buscando encontrar caminhos para o estudo da significação.

Ainda com relação ao corte saussuriano, Pêcheux deu continuidade àquilo que Saussure esboçou: Pêcheux não desprezou a dicotomia *langue/parole*, mas ele a ultrapassou, foi além:

A proposta do autor é que a relação língua/exterioridade seja resolvida para além do aspecto dicotômico definido por Saussure, fazendo-se trabalhar no próprio objeto língua aquilo que a linguística considerava como não pertinente para análise. O modo como as palavras têm sentido em AD, tem a ver então com a língua, o sujeito e a história. (TEIXEIRA, 2005, p. 38)

O ponto de partida das reflexões sobre o sentido, em *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, é a consideração de que a língua como sistema se encontra contraditoriamente ligada, ao mesmo tempo, à história e aos sujeitos falantes, sendo devido a essa contradição que as pesquisas linguísticas moldam-se sob diferentes formas, que constituem precisamente o objeto do que se chama Semântica. As intervenções não sistêmicas (exteriores à linguística) se opõem ao sistema e intervêm nele.

Segundo Guimarães (2005), quando Saussure separou *langue/parole*, foram excluídos da língua o sujeito, o objeto e a História. Pêcheux, ao trazer sua interpelação política para a teoria do discurso, colocou a História na base de sua teoria e o sujeito como elemento primordial na teoria do discurso.

Considerando que, para Pêcheux, “[...] o gesto fundador de Saussure é, desde o início, tomado como essencial ao campo onde se recortará o objeto discurso” (TEIXEIRA, 2005, p. 96), destaco a noção de funcionamento da língua, instituída por Saussure, como ponto de partida para Pêcheux elaborar o mecanismo discursivo. Considerando que há um funcionamento da língua e que o texto em si não funciona, para responder às questões sobre o texto que careciam de uma resposta da Linguística (a simples análise de conteúdo não responde tais questões), foi necessário compreender que existe um mecanismo discursivo funcionando no discurso. Tal reflexão teve como partida a ideia de funcionamento da língua como sistema e foi tomando corpo até chegar à teorização sobre o discurso.

Considerações finais

Segundo Teixeira (2005), para Pêcheux o gesto fundador de Saussure é tomado como elemento essencial para o campo onde ele recortaria o objeto discurso. O gesto fundador de que fala Teixeira seria, então, a noção de funcionamento da língua instituída por Saussure e que constituiu o ponto de partida para Pêcheux pensar o mecanismo discursivo: Pêcheux chegou à conclusão de que existe um funcionamento da língua, isto é, o texto em si não funciona.

Logo, para responder às questões sobre o texto que careciam de uma resposta da Linguística, questões essas para as quais a simples análise de conteúdo de um texto não era suficiente, tornava-se necessário, então, compreender que existe um mecanismo discursivo funcionando no discurso.

Em sua teoria do discurso, Pêcheux em momento algum refutou Saussure. O que ele fez foi uma problematização que partiu da teoria de Saussure para tentar chegar às questões deixadas de lado pela Linguística. Seguindo essa linha de pensamento, no dizer de Teixeira: “Pêcheux inclui-se entre os estudiosos que pensam *com* Saussure, tentando *ir além*, para usar a expressão de Authier-Revuz (1995)” (2005, p. 96, grifos da autora).

O trabalho de Pêcheux consistiu, de modo geral, em recortar conceitos saussurianos que o instigavam e se debruçar sobre eles, sem perder de vista seu objetivo: a interpelação política. É necessário destacar o viés político na constituição da teoria da Análise do Discurso, porque para Pêcheux existia relação entre prática política e as “ciências sociais” e também ligação entre prática política e discurso.

A teoria saussuriana também foi valiosa para Pêcheux no sentido de “caráter científico” (trabalho minucioso) que Saussure conferiu à Linguística, de definir língua, de estabelecer princípios. Isso foi ao encontro do objetivo pecheutiano de definir um instrumento científico para as ciências sociais.

Para finalizar, reitero que a questão central do interesse de Pêcheux pela obra de Saussure estava nas brechas encontradas no *Curso de Linguística Geral* e que possibilitaram a problematização de questões acerca da Linguística, bem como a posterior elaboração de conceitos sobre o mecanismo discursivo. Nesse sentido, o trabalho de Saussure é visto como abertura para outros campos. Segundo Nunes (2005), Saussure é fundador de um espaço de reflexão que considera o próprio da língua, o seu real específico. Observando por esse prisma, Ferdinand de Saussure é ainda um autor muito atual. Após quase um século

de publicação do *Curso de Linguística Geral*, a teoria saussuriana possibilita, ainda hoje, valiosas reflexões e problematizações no campo dos estudos linguísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. 12. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002. 440 p.
- GADET, F.; LÉON, J.; MALDIDIER, D.; PLON, M. Apresentação da conjuntura em linguística, em psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani et al. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 39-60. (Coleção Repertórios).
- GREGOLIN, M. do R. *Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004. 210 p.
- GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005. 91 p.
- HAROCHE, C; HENRY, P.; PÊCHEUX, M. A semântica e o corte saussureano: língua, linguagem, discurso. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. *Revista Linguagem*, São Carlos, SP, n. 3, out./nov. 2008. Disponível em: <www.letas.ufscar.br/linguagem/edição_03/tradução_hph.php>. Acesso em: 13 jan. 2010.
- NORMAND, C. *Saussure*. Tradução de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 183 p.
- NUNES, J. H. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: INDUSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (Orgs.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 99-104.
- PÊCHEUX, M. A análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani et al. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997. p. 39-60. (Coleção Repertórios).
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally e Arbert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2001, 279 p.
- TEIXEIRA, M. *Análise de Discurso e Psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. 210 p.